

# OS BENDITOS: O CANTO REZA DOS PEREGRINOS DE BOM JESUS DA LAPA

Ênio José da Costa Brito\*

\*Professor de programas de pós-graduação PUC-SP

## Resumo:

Diversos aspectos da experiência de romaria (peregrinação) são apresentados aqui, mas o ponto central é o da música devocional; o da identidade musical do peregrino. Com os benditos o peregrino constrói o seu ritual, celebra a sua romaria e canta (se) como romeiro do Bom Jesus.

**Palavras-chave:** Romaria; Peregrinação; Música religiosa; Bom Jesus da Lapa.

## Abstract:

Some aspects of the pilgrimage experience are presented here, but the central point is the devotional music; the musical identity of the pilgrim. With this special religious songs (*benditos*) the pilgrim constructs his ritual, celebrates his pilgrimage and sings (himself) as *romeiro* (pilgrim) do Bom Jesus da Lapa.

**Key Words:** Pilgrimage; Religious music; Bom Jesus da Lapa religious Center.

*Nós viemos de ônibus, cantando muito. Olha aí como é que eu to rouca. O pior é que eu tenho um problema nas cordas vocais e o médico proibiu eu cantar, mas como é que pode, né? Quem vem pra aqui tem que cantar, né? Nós temos que vim cantando.*

(Romeira de Salto da Divisa-MG)

Uma das práticas mais significativas da religiosidade popular, as peregrinações ou romarias têm recebido nos últimos anos a atenção dos pesquisadores. Estes estudos contribuíram para uma compreensão mais abrangente, menos redutiva destas manifestações da religiosidade popular. Na

leitura atenta desses e de outros estudos, a pesquisadora Giuliana Frozoni percebeu que a música não ganhava quase destaque. Sua vivência e contato com os peregrinos *in loco* mostrou que:

*cada romeiro que chega traz o seu canto, seu louvor, seu bendito em honra ao Bom Jesus, à sua Mãe, cultuada neste Santuário [Bom Jesus da Lapa] sob o título de Nossa Senhora da Soledade e aos outros santos que habitam este lugar.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*. O itinerário da romaria a partir dos benditos cantados pelos romeiros de Bom Jesus da Lapa- BA. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. 2012, p. 19.

<sup>2</sup> Idem p. 19.

<sup>3</sup> A Banca Examinadora foi composta pelos professores doutores Pedro Lima Vasconcelos (orientador), Yara Borges Caznok e Ênio José da Costa Brito e defesa ocorreu no dia 01 de junho de 2012.

<sup>4</sup> Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 21.

<sup>5</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

Sua descoberta não para aí, na conversa com os peregrinos fica sabendo que eles não cantam apenas no santuário, mas durante todo o percurso da viagem, *os cantos e benditos eram entoados durante a viagem, de ida e de volta, e ao longo do ano, nas suas casas e comunidades de origem.*<sup>2</sup>

Rapidamente, percebeu que estava diante de uma manifestação cultural digna de ser preservada e analisada. O vasto material coletado ao longo dos anos passou a ser estudado sob o prisma religioso-musical. Desta cuidadosa pesquisa resultou a dissertação de Mestrado, apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com o título: *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus. O itinerário da romaria a partir dos benditos cantados pelos romeiros de Bom Jesus da Lapa - BA.*<sup>3</sup>

Após eleger como objeto de estudo *os benditos cantados pelos peregrinos em romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa-BA, estudados e analisados através de uma perspectiva ritual*,<sup>4</sup> intensificou suas visitas ao Santuário e deu início a uma pesquisa participativa para observar mais de perto do dia-a-dia dos peregrinos.

Diante das inúmeras vertentes que se abriram após a leitura para comentar a dissertação, optei, como diz Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* por realizar *uma viagem mais dilatada* percorrendo a estrutura do trabalho, comentando brevemente os capítulos, apresentando sugestões e apontando tópicos que merecem ser realçados. Como o interlocutor de Riobaldo no romance, não vou dizer nada que seja meu, vou redizer apenas o que a pesquisadora expôs.<sup>5</sup> Meu propósito é mostrar os meandros de uma leitura renovada desta prática religiosa tão antiga e tão nova.

## Do perfil da dissertação

Começo por apresentar alguns traços do perfil da dissertação, traços que saltam aos olhos à medida que se avança na leitura. O traço dominante é o criativo, que se manifesta já na apresentação da intenção da pesquisadora: *com este estudo procuramos construir o itinerário ritual e celebrativo da romaria, recriando-o a partir dos benditos cantados pelos próprios romeiros do Senhor Bom Jesus* (Itálico nosso).<sup>6</sup> Os verbos construir e recriar pontuam bem a dimensão criativa, que tem como eixo os benditos cantado.

Nesta escolha, a autora optou por um caminho novo para ler por dentro a peregrinação, tão presente nas culturas, em especial na cultura Brasileira. Compreender o quanto o peregrinar é elemento indispensável na vida cotidiana de homens e mulheres, envolvendo saberes e fazeres, experiências religiosas e profanas que não devem ser desprezadas requer sensibilidade por parte dos estudiosos. Eis o segundo traço, sensibilidade que se mostra no fato de *dar rosto a esses peregrinos*. Eles são peregrinos- sujeitos.

*Vamos todos para Lapa visitar o Bom Jesus* oferece um caminho, um modelo para pesquisadores que desejam analisar o fenômeno cultural e religioso das peregrinações. Assim, se me proponho estudar a peregrinação realizada no Santuário do Bom Jesus da Cana Verde, em Siqueira Campos-PA, tenho uma pista: examinar como os cânticos organizam a peregrinação.

Generosidade que se faz presente, também, nas significativas notas de Rodapé, a nota 51, por exemplo, traz uma passagem dos *Sertões*, que comenta a festa de Santa Luzia; a nota 87 apresenta a relação dos santuários dedicados ao Bom Jesus no Brasil e nota 154 traz informações e o texto do *Stabat Mater*.

Enfim, estamos diante de uma dissertação desafiadora: ao revelar serem os peregrinos sujeitos e não objetos; ao convidar os pesquisadores a terem presente o protagonismo dos mesmos dentro do contexto cultural e a captar os novos caminhos, os encontros culturais e sincretismos ousados por eles; ao desafiar os pesquisadores a se abrirem a novos conhecimentos e modos de proceder de culturas distintas e ao convidar a desvelar gestos, palavras e representações religiosas [das peregrinas e peregrinos de Bom Jesus da Lapa] mostrando serem eles portadores de uma inteligência leve e viva e de uma *experiência religiosa* colada a vida, geradora de sentido.

<sup>6</sup> Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 22.

Os cientistas da religião, ainda mesmo quando sensíveis a esta inteligência e experiência, confrontam-se com a dificuldade de reconstruir os gestos de peregrinas e peregrinos. Dificuldade inerente à invisibilidade documental que recai sobre o dia-a-dia da peregrinação. Talvez muitos gestos e palavras sejam irre recuperáveis de todo, e os pesquisadores devem se satisfazer apenas com algumas pistas, e extrair delas o máximo de inferências possíveis, tentando reconstruir parte do quadro cotidiano social e religioso.

Frozoni ao eger os *Benditos* como fio condutor, fez uma escolha feliz, pois, glosando Thais Curi Beaini, podemos afirmar que:

*A música, enquanto hino, é poema: composição que enreda as entranhas do real no qual penetra, tom modulado que entoa o começo, cadência expressa corporalmente, aguçando ouvido e voz. Mas, a música-enraizada no emocional- leva e homens[ e mulheres] a emergirem de sua espacialidade e [temporalidade], conduzindo-os a uma viagem às profundezas de si, lançando em tons as suas esperanças, desejos e receios, lançando em tons sua fé.<sup>7</sup>*

<sup>7</sup> Cf. T. C. BEAINI, *Máscaras do tempo*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 44.

### Da estrutura

<sup>8</sup> Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 23.

<sup>9</sup> O bendito *É vai saindo a romaria, é vai*, cantado pelos romeiros de Lagoa Formosa-MG e recolhido por Elizabeth Travassos em 1983, é característico deste momento da romaria. Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 66.

Uma breve palavra sobre a *Introdução* e a *Conclusão*. A primeira cumpre bem o seu papel de preparar o leitor para receber o texto, deixando claro o objeto de estudo, a problematização, os objetivos e a hipótese. Diz a autora:

*A hipótese que levantamos ao estudar e analisar a romaria do Bom Jesus da Lapa e os benditos cantados pelos romeiros é que este conjunto de canções compõe uma espécie de ordinário da romaria, entendido tanto como estrutura estabelecida quanto conjunto de canções e/ou orações fixas.<sup>8</sup>*

Para Frozoni, a romaria não só segue um ordenamento ritual particular, isto é, tem uma performance própria, como entoa cantos para cada momento da peregrinação. O bendito *É vai saindo a romaria é vai* é próprio do momento da partida.<sup>9</sup>

É vai saindo a romaria, é vai  
É vai saindo a romaria de amor  
Eu peço a Deus que abençoa seus filho  
E a nossa romaria.

Adiante de Deus nada vai  
Só quem vai é a Virgem Maria  
Eu peço a Deus que abençoa seus filho  
E a nossa romaria.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Idem, p. 67.

A autora deixa implícito na introdução um convite ao leitor para que esteja atento ao movimento espiralado da romaria. Pois, *ao tratar do movimento das romarias, propusemos a imagem da espiral. Neste sentido confirmamos a idéia de que toda peregrinação é nova, distinta, atualizada: não se fecha em si mesma, retornando ao mesmo ponto.*<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Idem, p. 246-247.

Na conclusão, além de lembrar sinteticamente o percurso feito, alerta para a necessidade de ampliar o diálogo entre os peregrinos e os responsáveis eclesiásticos pelo santuário. Diálogo que já vem acontecendo é verdade, mas que ainda tem pela frente a necessidade de diminuir a distância entre a produção simbólica do povo-romeiro e a instituição eclesiástica. Tanto é verdade que a constatação da autora, já concluindo o trabalho, soa como um lamento: *Entretanto, aquilo que o povo realmente canta, conhece, cultiva e domina, não adentra os terrenos oficiais, permanecendo nos limiares da instituição eclesial.*<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Idem, p. 248.

Sente-se falta na conclusão de um breve aceno a pontos que mereceriam um estudo mais aprofundado ou uma chamada de atenção para as possibilidades de futuras pesquisas propiciadas pela dissertação.

O capítulo de abertura intitula-se, *É vai saindo a romaria, é vai - A saída*. Nele Frozoni convida o leitor a olhar o sertão, espaço onde se desenvolve a *arte para viver* através de uma sucessão interminável de gestos e palavras envolvendo a memória e inúmeras competências. Falando do *ethos* sertanejo lembra: *é o conjunto de todas as qualidades, mas também de todas as imperfeições que compõem o sertão e o caracterizam enquanto tal.*<sup>13</sup> Identifica ainda no peregrino o *homo peregrinus* e sua busca pelo *centro do mundo*.

<sup>13</sup> Idem, p. 35.

O ser humano é um ser contingente, limitado, mas aberto às múltiplas possibilidades, para ele o possível é sempre maior que o real. Os peregrinos,

*não são romeiros prontos, plenos. Aos poucos se preparam para as vivências que estão prestes a iniciar; aspiram melhorias, refazem suas jornadas, descobrem caminhos novos. Assim, de posse de seus chapéus, das representações dos seus votos e promessas, dos seus anseios e angústias, iniciam a caminhada rumo ao encontro com o Santo Senhor Bom Jesus da Lapa.*<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Idem, p. 73.

<sup>15</sup> FERNANDES, R. C., *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Rubem César Fernandes, no livro *Romarias da Paixão*<sup>15</sup> afirma que: *rito antigo, a romaria é prenhe de atualidade*. Tomo esta passagem como mote para tecer um comentário. A peregrinação realizada à moda antiga, tradicional evoca, pois, uma forma antiga e perene de viver a espiritualidade e pode ser interpretada como uma crítica ao modo de vida contemporâneo. Crítica que tem sua fonte não nos dogmas religiosos ou morais mas, na performance dos corpos, emoções e afetos, como o texto de *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus* confirma.

*Rito antigo*, o termo peregrinação é mais antigo que o termo romaria, este se refere aos cristãos que se dirigiam a Roma. Penso que o termo peregrinação seria mais adequado para descrever a prática dos devotos do Bom Jesus da Lapa, não que o termo romaria esteja errado, ainda mais que já está inserido no imaginário do sertanejo e dos agentes eclesiais.

Uma palavra sobre a devoção do Bom Jesus ajudaria leitor a situar melhor esta devoção. Como chegou e se espalhou pelo Brasil? No Brasil se encontram 28 santuários dedicados ao Bom Jesus. Sem sombra de dúvida um número significativo.

A expressão *ordinário da romaria* merece uma explicitação logo que aparece na hipótese, lembrada acima. A autora apropria-se de uma expressão litúrgica, empregada para regulamentar a estrutura das celebrações da Igreja, mas só no final do capítulo quarto, resgata a sua história e explicita o conteúdo.

*Partindo do entendimento do ordinário como sendo o conjunto de ritos e formulários fixos de determinada comunidade e da observação da performance ritual dos romeiros e romeiras, podemos, então, considerar todo o conjunto ritual da romaria como um ordinário.*<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 239.

No capítulo primeiro, encontramos, ainda, duas passagens que merecem maiores considerações por suas implicações numa compreensão mais matizada da prática da peregrinação. A primeira ao referir-se a gênese da peregrinação da Lapa, na esteira de Steil afirma que:

*a peregrinação ao Santuário sertanejo [gosto muito desta expressão] do Bom Jesus da Lapa não é apenas uma ação própria da mobilidade humana, mas também está diretamente ligada à cultura bíblico-católica dos romeiros, da qual fazem parte os mitos e fundação do Santuário, as práticas religiosas, os rituais e as experiências vividas pelos peregrinos.*<sup>17</sup>

Não podemos esquecer que a região teve uma densa população indígena, que após o episódio batizado como *A Guerra dos Bárbaros* se dispersou pela região e, além disso toda esta região teve uma forte presença escrava.<sup>18</sup>

Daí a suspeita, será que se pode estabelecer um nexos tão claro e distinto só com a cultura bíblico-católica ou não teríamos também presente nesta prática traços indígenas e africanos? É possível identificar traços indígenas e afro nessas práticas? Haveria algum indício que nos ajudasse a trilhar este caminho? Encontramos referências importantes no texto que apontam nesta direção, referência aos índios que habitavam a região e a presença de símbolos, imagens e personagens ligados aos cultos afro-brasileiros. O texto apresentou imagens significativas reveladoras da prática sincrética no contexto da romaria da Lapa.<sup>19</sup>

Aproveito para dizer uma palavra sobre as imagens que ilustram a dissertação, elas funcionam como um texto abrindo brechas na experiência dos peregrinos para que o leitor se aproxime mais dela.

A segunda afirmação deixa transparecer uma tensão, que se faz presente em diversos momentos da dissertação.<sup>20</sup> Diz o texto: *Também, por parte das autoridades eclesiásticas, o Santuário é visto como centro de evangelização e a romaria como tempo favorável para a conversão – Kairós.*<sup>21</sup> Temática recorrente em outros capítulos.

Uma tentação eclesiástica muito freqüente é a de querer transformar o santuário em *paróquia*. Os problemas que decorrem desta visão são inúmeros. A atenuação desta tensão passa pela compreensão do tempo vivido pelos peregrinos no Santuário e por modificações entre as relações tecidas entre os representantes da instituição eclesial e os peregrinos.

*Esse carro é vai andando: o percurso* é o título do segundo capítulo. Nele, a autora realiza uma feliz junção entre dois topos. Atualiza o topos literário – existencial *vita/via* – a vida enquanto caminho, enquanto *viagem, viagem para entender, entender-se*. Viagem a Bom Jesus da Lapa.

<sup>17</sup> STEIL, C. A., *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa- Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996. O livro apresenta um rico estudo sociológico e antropológico sobre as romarias. Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 44.

<sup>18</sup> Para uma ampla visão deste fato pouco estudado na historiografia brasileira ver A. P. PUNTONI, *A guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Hucitec, 2002.

<sup>19</sup> Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 196ss.

<sup>20</sup> Idem, p. 92; 166.

<sup>21</sup> Idem, p. 60.

E se é verdade que há um paralelo entre vida/via, há também um segundo entre vida/logos, vida e palavra, no nosso caso palavra cantada.<sup>22</sup> Palavra-cantada – os benditos que se apresentam como um texto no sentido etimológico – vale lembrar que texto vem do mesmo radical latino de tecer (*texere*) – , em que se cruzam e se tecem os fragmentos do sagrado<sup>23</sup> emprestando-lhe melodia e ritmo, atribuindo-lhes coerência, sentido e organicidade.

O capítulo deixa claro, a diversidade e a riqueza cultural, poética e musical presente nas canções cultivadas pelos peregrinos<sup>24</sup> e que a música é parte integrante da viagem.<sup>25</sup>

Dois passagens chamam atenção do leitor. Uma outra afirmação, de Carlos Steil na qual ele constata com muita acuidade que no santuário: *A oralidade e a escrita não apenas se misturam, mas se reforçam mutuamente.*<sup>26</sup> A interface presente nesta relação pede uma reflexão mais ampla, pois ela é recortada por relações de poder.<sup>27</sup>

A outra, uma ideia risomática por se fazer presente em todos os capítulos:

*O canto, na romaria, é também um elemento que cria identidade no romeiro. Estes podem ser identificados não só pela sua vestimenta, pelo uso do chapéu, mas também pela música que entoam.*<sup>28</sup>

Uma vez mais, a autora confirma a importância da música na peregrinação, daí a opção de apresentar:

*um quadro analítico dos benditos e canções no qual reunimos as características literárias e musicais de todo o material musical analisado ao longo da dissertação tais como temática, maneira de transmissão, tipo de verso, rima, estrutura do poema, modo ou tonalidade, características melódicas entre outros.*<sup>29</sup>

A generosidade da pesquisadora vai além ao realizar a transcrição das partituras e apresentar o registro em áudio dos benditos e das canções, abrindo para o leitor a possibilidade de enriquecer a leitura do texto musical com as gravações. Sem se esquecer que: *por meio dos relatos e dos benditos, os peregrinos reafirmam sua identidade.*<sup>30</sup>

Para dar título ao terceiro capítulo recorre uma vez mais a um trecho de um bendito: *Meu bom Jesus olha eu, graças a Deus que eu cheguei* e para captar o momento fundamental da romaria a Bom Jesus da Lapa, a chegada ao Santuário e a permanência nele, recorre a alguns verbos: apresentar, visitar, cumprir, participar e subir.

Apresentar-se aos Santos, que chama de seu;<sup>31</sup> visitar o santuário;<sup>32</sup> cumprir promessas;<sup>33</sup> participar dos sacramentos<sup>34</sup> e su-

<sup>22</sup> Idem, p. 24.

<sup>23</sup> Idem, p. 94.

<sup>24</sup> Idem, p. 114.

<sup>25</sup> Idem, p. 115.

<sup>26</sup> Idem, p. 85.

<sup>27</sup> Para saber mais, ver, L. E. CAS-  
TILLO, *Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2008; cf. G. R. CHIESA, *Usos e percepções da escrita nos candomblés da Bahia. RELIGIÃO E SOCIEDADE*, 2011, 31(1), p.228-238.

<sup>28</sup> Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 115.

<sup>29</sup> Idem, p. 25; 259-260

<sup>30</sup> Idem, p. 92.

<sup>31</sup> Idem, p. 131.

<sup>32</sup> Idem, p. 132.

<sup>33</sup> Idem, p. 145.

<sup>34</sup> Idem, p. 163.

bir o morro.<sup>35</sup> Verbos que desvelam, *a riqueza e a multiplicidade de ritos, celebrados pelos romeiros durante a sua permanência no santuário*,<sup>36</sup> deixando claro que peregrinação é uma prática ritual.

Deste capítulo marcadamente epistemológico, relembro algumas passagens portadoras desta dimensão, nelas mostra-nos a peregrinação como um fato religioso-cultural, que *envolve todos os aspectos da vida cotidiana: relações de poder, disputas pelo sagrado, solidariedade, diferenças acerca da visão de mundo, trama de interesses, entre outros*;<sup>37</sup> mostra-nos que a vivência do romeiro não é apenas espiritual mas também corporal e vocal que possibilita uma atualização da própria história; e ainda que o culto ao Bom Jesus da Lapa bem como a performance que compõe a romaria extrapolam os limites do catolicismo. Sob o aspecto epistemológico, estes pontos funcionam como indicativos, como sinais, vetores que ajudam o pesquisador a evitar uma leitura redutiva da experiência da peregrinação.

Uma idéia já presente desde o início da dissertação emerge com força neste capítulo. Que idéia é esta? A de uma renovada compreensão da relação romeiro/peregrino/devoto com o seu santo que, supera uma interpretação que se pauta unicamente pela perspectiva jurídica.

*Ao relacionar-se com o santo, o romeiro se relaciona com a sua própria história. Ele se sente acolhido, reconfortado, tendo a certeza de que o santo é tolerante e compassivo, sabe escutar, perdoar, entender...O relacionamento afetivo dos romeiros com os santos não é característico apenas do momento de chegada. Durante o tempo de permanência no Santuário, o contato afetivo e verdadeiro com a realidade transcendente ganha maior destaque.*<sup>38</sup>

Pode-se perguntar: qual a importância para a compreensão do *momento fundamental da Romaria*, pensar nesta relação como de amizade, confiança, gratuidade e carinho? Ir além de uma explicação jurídica da relação peregrino-santo é visualizar a peregrinação como um fato total, que afeta toda a vida do peregrino com reflexos por um longo tempo no seu viver. Além disso, esta perspectiva analítica abre as portas para uma visão menos redutiva da dimensão sacrificial tão presente nas peregrinações em todo o orbe.

Nas palavras de uma romeira, *para ser romeiro certo é preciso sofrimento*;<sup>39</sup> nas palavras da autora, *o peregrino se reconhece na*

<sup>35</sup> Idem, p. 179.

<sup>36</sup> Idem, p. 130.

<sup>37</sup> Idem, p. 195.

<sup>38</sup> Idem, p. 127. Para esta nova chave de leitura da relação devoto/santo ver F. T. LONDOÑO, *As devoções e o ser religioso do Brasil. TEMPO- PRESENÇA*, 2000, 2, p.20. Para uma discussão deste tema num contexto de peregrinação consultar, veja-se M. J. S. OLIVEIRA, *A Peregrinação e seus enigmas: o desvendamento no encontro do devoto com o "Santo Vivo" rumo ao Santuário de São Francisco do Canindé*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2011.

<sup>39</sup> Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 50.

<sup>40</sup> Idem, p. 126-127.

<sup>41</sup> Para aprofundar ver, J. C. PEREIRA, *A eficácia simbólica do Sacrifício*. Estudo das devoções populares. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

<sup>42</sup> Cf. G. FROZONI, *Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus*, op. cit., p. 135-136. A análise musical da autora é a seguinte: *O bendito, composto em modo jônio, tem a maioria dos seus versos com oito sílabas organizados em quadras, os versos dois e três se repetem. O quarto verso – Ai Jesus – se repete em todas as estrofes... O primeiro verso está construído predominantemente por saltos, que perfazem a tríade de Mib. O perfil melódico do segundo verso é composto por graus conjuntos ascendentes e descendentes. O terceiro verso tem a mesma melodia do primeiro, com saltos. O quarto verso está assentado sobre duas notas: Fá Mib. O cantor, depois de cantar diversos saltos ascendentes e descendentes e graus conjuntos, repousa no Mib, primeiro grau da escala. A intenção desta nota mais longa é dar ao leitor a ideia do perfil das inúmeras análises realizadas pela autora na dissertação.*

<sup>43</sup> Idem, p. 215.

<sup>44</sup> Idem, p. 219.

*figura sofredora, frágil e chagada do crucificado.*<sup>40</sup> Como entender o sacrifício? Seus inúmeros sacrifícios não são alienantes, mas geradores de sentido.<sup>41</sup>

No bendito *Meu Bom Jesus, meu Redentor* há uma identificação profunda do peregrino com os sofrimentos de Jesus, sofrimento que redime, gerador de vida.

Meu Bom Jesus, meu Redentor  
Meu coração partido em dor  
Meu coração partido em dor  
Ai, Jesus

.....

Nos pés da cruz todo em unida  
Quero morrer, quero ter vida  
Quero morrer, quero ter vida  
Ai, Jesus.<sup>42</sup>

O título do quarto capítulo capta bem o sentimento do momento da volta para casa: *Dá Lapa sai chorando com saudades do Bom Jesus- A despedida*.

O capítulo sintetiza para o leitor o que o cantor-romeiro leva consigo *ao deixar o Santuário, os romeiros e romeiras sentem uma profunda saudade do Bom Jesus, das grutas, do morro, das rezas, enfim, de tudo o que se pode experimentar durante os dias passados na casa do Santo*<sup>43</sup> e transforma-se num convite para que o leitor partilhe também das lembranças dos peregrinos. No entanto, deixa claro que não é só a lembrança que interessa, mas a lembrança investida de afeto: saudade do Bom Jesus.

Para Frozoni, *sentir saudade do Bom Jesus e do seu Santuário é um dos impulsos que fazem o romeiro cantar os benditos, manter sua vida de oração e partilha, e, sobretudo, programar-se para retornar à Lapa no próximo ano ou na próxima romaria*.<sup>44</sup> A potencialidade performática da saudade na vida dos romeiros é bem explorada no texto, com ênfase na ciclicidade da romaria.

Não deixa de ser pertinente o comentário feito com relação à descontração que ocorre na volta da peregrinação, explicada por Carlos Steil pelo *sentido penitencial*. Penso que se pode avançar na interpretação sem negar o *sentido penitencial*. Esta afirmação baseia-se alguns indícios que encontro no texto, aqui vou me restringir apenas a indícios presentes no capítulo. Nele encontramos afirmações como: *ao que nos parece, a experiên-*

*cia vivida no transcorrer dos dias de romaria é fator determinante para que os romeiros e peregrinos se comprometam e desejem voltar a cada ano,*<sup>45</sup> ou outra que acena para o fato do peregrino *experimentar a presença do transcendente*<sup>46</sup> e ainda traz o testemunho de uma peregrina que afirma: *o que se vive nos dias de romaria é impossível de ser descrito em palavra.*<sup>47</sup>

As referências à *experiência vivida*; a *experimentar a presença do transcendente* e a impossibilidade de se descrever em palavras, o que se experimentou no Santuário são fortes indícios para se pensar numa vivência mística popular. O que nos leva a pensar que alguns benditos poderiam ser considerados como expressões desta mística popular.

Inúmeras vezes a autora nos repetiu: *buscamos compreender não apenas o que se canta, mas como se canta,*<sup>48</sup> nos lembrou, também, que os benditos são reveladores de heranças históricas, teológicas e sociais, que eles apontam para experiências de fé do peregrino.

A descontração da volta está ligada a esta experiência mais profunda, vivida por muitos peregrinos, nela sentimentos múltiplos se fazem presentes, *a dor, a saudade, o amor e a esperança.*<sup>49</sup>

Breve, *Vamos todos a Lapa visitar o Bom Jesus* tem o respaldo duma rica pesquisa de campo, que contribui significativamente para a preservação do patrimônio cultural musical popular. Pesquisa perenizada no CD, como relembramos acima. Nas palavras da autora: *ademais, esta pesquisa pretende servir não só como registro musical deste importante fenômeno sociocultural e religioso, mas também como meio de construção e preservação de um acervo de grande densidade histórica.*<sup>50</sup> O quadro analítico dos Benditos e canções funde paixão, competência e rigor acadêmico.

A dissertação confirma que estamos diante de uma pesquisadora madura que soube oferecer aos peregrinos do Bom Jesus da Lapa uma escuta estruturante.

Finalizo lembrando a síntese conclusiva da autora e do bendito *A Igreja da Lapa*. Diz Frozoni:

*com o presente trabalho, concluímos que os romeiros e peregrinos do Bom Jesus da Lapa não cantam simplesmente na romaria, mas, ao contrário, cantam a própria romaria, com seu ordinário próprio; e ao cantar a romaria, os romeiros cantam a si mesmos.*<sup>51</sup>

O bendito *A Igreja da Lapa*, um dos mais cantados, na sua simplicidade resume o vivido pelo peregrino:

<sup>45</sup> Idem., p. 230.

<sup>46</sup> Idem, p. 231.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Idem, p. 21.

<sup>49</sup> Idem, p. 215

<sup>50</sup> Idem, p. 22 (o CD é o anexo II da Dissertação).

<sup>51</sup> Idem, p. 7.

A Igreja da Lapa  
É feita de pedra e luz  
Vamos todos para a Lapa  
Visitar o Bom Jesus

Quando eu saí da Lapa  
Avistei a Santa Cruz  
Da Lapa saí chorando  
Com saudade do Bom Jesus.